

“TCHAU, QUERIDA!”: TRÊS MOMENTOS DISCURSIVOS

Adrielle Barbosa SANTANA
Fernando Gabriel Sardeli TONON
Orientador: Prof. Dr. Lauro Baldini

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar três momentos discursivos distintos do enunciado “Tchau, querida”, indagando suas construções de sentido a partir dos conceitos elaborados por Pêcheux sobre língua, discurso, condições de produção e memória. Os momentos analisados foram: uma conversa íntima entre companheiros políticos, em que a expressão foi de amizade; um evento em que a frase foi usada para expulsar e ironizar o sujeito referido; e diversas manifestações em que direitos políticos foram reivindicados.

Palavras-chave: Análise do discurso, Linguística, Pêcheux.

“Tchau, querida”: Assim foi encerrada a ligação entre Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, interceptada pela Polícia Federal e divulgada pelo ex-juiz Sérgio Moro no dia 16 de março de 2016. O áudio da gravação revela uma conversa em que os políticos em questão discutiam sobre um papel, noticiado como um possível documento que livraria o ex-presidente de uma ação policial. A frase destacada foi proferida por Lula, ao se despedir da então presidenta na época.

Um mês mais tarde, na noite de 17 de abril de 2016, a sessão para a admissibilidade do impeachment de Dilma Rousseff contou com a presença ostensiva da expressão “Tchau, querida!”. Exposta em cartazes e placas em verde e amarelo, o enunciado agora era emitido por deputados que reafirmavam seu voto positivo e, portanto, seu desejo de destituição do poder da presidenta.

Após a votação acarretar na abertura do pedido de impeachment de Dilma Rousseff, a cassação do mandato da presidenta foi efetuada no dia 31 de agosto de 2016. Desde então, a expressão “Tchau, querida” voltou a ser reproduzida, principalmente nas redes sociais e com o acréscimo de diferentes substantivos: “tchau, querida democracia!”, “tchau, querida urna eleitoral!”, “tchau, querida aposentadoria!”, entre outros.

A partir de tais considerações, o presente artigo pontua que há três momentos discursivos distintos da mesma expressão e indaga: como os diferentes sentidos do enunciado “Tchau, querida” são construídos? Para análise, o referencial teórico mobilizado será aquele desenvolvido por Pêcheux (2011), dentro do campo da Análise do Discurso (AD), acerca de língua, discurso, condições de produção e memória. Como um saber de princípio interpretativo e não pragmático, a AD fundada por Pêcheux compreende a língua como um produto opaco e instável: o verdadeiro enunciado estaria no extralinguístico, não-dito, implícito. Esse dizer “invisível” seria o interdiscurso, constituinte da memória, um construto social e coletivo. Assim, a língua seria apenas a materialização desse discurso. (BRITO, 2016, p. 22)

Segundo Pêcheux:

“o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade dosignificante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio -histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1975, p. 160)

Dessa forma, nenhum léxico possui uma natureza imutável, mas sim um significado construído a partir da formação discursiva (FD) na qual está inserido. As possibilidades de sentido se alteram de acordo com a posição do sujeito enunciatador e suas condições de produção, ou seja, “sujeito e sentido são constituídos pela ordem significante na história” (BRITO, 2016, p. 25). É importante, ainda, salientar que as condições de produção são efeitos de um processo discursivo prévio, e não uma questão circunstancial de contexto.

O que permitiria interpretar essas formações discursivas seria a memória, caracterizada por Pêcheux como um “espaço móvel”. A memória discursiva é o que possibilita as compreensões, deslocamentos e ressignificações de dizeres.

Mobilizando tais conceitos, o presente artigo postula sobre a opacidade do enunciado “Tchau, querida”: em um primeiro momento, é uma despedida amistosa; em um segundo, é a manifestação jocosa de um desejo de eliminação; no terceiro, é a reivindicação de bens civis. Como demonstraremos a seguir, tais efeitos de sentido são produzidos a partir de construtos permeados pela memória.

No dia 16 de março de 2016, o áudio de uma gravação telefônica interceptada pela Polícia Federal foi divulgada pelo ex-juiz Sérgio Moro. Os participantes do telefonema eram o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a presidente (na época) Dilma Rousseff.

Tratava-se de um grampo sem conhecimento dos locutores e que teve seu conteúdo divulgado sem consentimento dos mesmos. Segue a transcrição do áudio, que contabiliza um minuto e trinta e cinco segundos de duração:

Dilma: Alô.

Lula: Alô.

Dilma: Lula, deixa eu te falar uma coisa.

Lula: Fala querida.

Dilma: Seguinte, eu tô mandando o “Bessias” junto com o papel pra gente ter ele, e só usa em caso de necessidade, que é o termo de posse, tá?!

Lula: “Uhum”. Tá bom, tá bom.

Dilma: Só isso, você espera aí que ele tá indo aí.

Lula: Tá bom, eu tô aqui, eu fico aguardando.

Dilma: Tá?!

Lula: Tá bom.

Dilma: Tchau.

Lula: Tchau, querida.

Nesse primeiro momento, a formação discursiva é realizada num contexto privado, entre duas figuras que publicamente trabalharam juntos por anos, prestaram apoio um ao outro em campanhas eleitorais e, podemos supor, têm uma relação próxima. Sabendo o que sabemos sobre Dilma e Lula e sobre amizades em geral, podemos supor, a partir de nossa memória, que essa é uma conversa de intimidade estabelecida e que eles desejam dar continuidade à relação.

Partindo do pressuposto de Pêcheux (2011) de que o significado das palavras é desvendado por uma relação de equivalência, podemos parafrasear o dizer de Lula para com Dilma da seguinte forma:

- a) “Até logo, prezada”.
- b) “Até mais, estimada”.

Tais substituições caracterizam as condições de produção do primeiro momento discursivo, em que a formação discursiva é dada entre companheiros políticos numa relação amigável, culturalmente interpretada como um vínculo afetivo.

No dia 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados realizou uma sessão de votação nominal, em que os deputados deveriam votar “sim” ou “não” para a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff. Na ocasião, muitos dos atores políticos que se identificavam com a posição afirmativa sobre o afastamento da presidenta apresentaram placas e cartazes em verde e amarelo com os dizeres “Tchau, querida!” em letras garrafais.

Para interpretar tal enunciado nessas condições de produção, é importante evocar na memória os significados da presidência de Dilma Rousseff: o ano de 2016 completaria 14 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), da qual Dilma era representante; ela foi a primeira mulher eleita presidente do Brasil; foi marcada por sua história política contra a Ditadura Militar entre 1964 e 1985; foi principal alvo das manifestações de março de 2015 a março de 2016; foi popularmente acusada de corrupção e suposto acobertamento de Lula, baseado no áudio da ligação ilegalmente interceptada e divulgada.

Da mesma forma, também é importante ressaltar os significados que acompanhavam os sujeitos enunciadoreis: além de políticos favoráveis ao impeachment de Dilma Rousseff, estampavam, em suas placas e cartazes, as cores verde e amarela. Segundo Pêcheux, a imagem também deve ser contemplada enquanto local atravessado por discurso (BRITO, 2016, p. 22). Portanto, nos atentemos às cores escolhidas pelos políticos: verde e amarelo remete à bandeira brasileira, que remete ao nacionalismo, apropriado como princípio pela Ditadura Militar. Por sua vez, tal período lembra os próprios militares, presentes durante a sessão até mesmo simbolicamente (o então deputado Jair Messias Bolsonaro, militar,

dedicou seu voto ao Coronel Brilhante Ustra, coronel do Exército Brasileiro durante os Anos de Chumbo e um dos responsáveis pela tortura de Dilma Rousseff).

Assim, as possíveis interpretações de tal formação discursiva é ainda mais do que a expressão do desejo de que a presidenta fosse destituída do poder. Naquele momento, dizer “Tchau, querida!” era se despedir e ironizar tudo o que Dilma representa, ou seja, o governo PT, a luta política das mulheres, a organização e guerrilha a favor da democracia, as acusações de negligência governamental e sua associação com o ex-presidente Lula.

Ademais, era uma sentença socialmente posicionada. Evocando a imagem dos militares, “Tchau, querida!” manifestava uma visão política, o desejo do fim do atual governo e a recuperação do passado, por meio da memória sobre as cores verde e amarela. Segundo Guedes e Silva (2019):

“Talvez em nenhum outro símbolo oficial o desejo de manter uma relação de continuidade entre o presente e o passado se apresente de forma tão explícita quanto no caso da bandeira nacional” (GUEDES E SILVA, 2019, p. 5).

Para além disso, a despedida desse momento também demarca o desejo de expulsão e eliminação de Dilma Rousseff e o que ela representa, isto é, o “tchau” é uma ruptura definitiva e não mais um breve aceno dentro de uma relação contínua. O vocativo “querida”, uma vez utilizado para expressar estima, agora é ironicamente usado para debochar da pessoa referida e evocar os sentimentos negativos que ela desperta nos enunciadores. Assim, “Tchau, querida!” pode ser parafraseado como:

- a) “Vá embora, indesejada”. Ou, ainda mais explícito:
- b) “Vá embora para sempre, indesejados Dilma, Lula, governo PT, suas corrupções e tudo o que vocês defendem”.

Ainda nesse evento, houve outro momento discursivo do enunciado “Tchau, querida!”, emulado por Jair Messias Bolsonaro. Em meio a espetacularização da sessão, que foi permeada por diversas provocações e ofensas, o então deputado se dirigiu ao também deputado Jean Wyllys proclamando os dizeres em questão, ao qual foi respondido com uma cusparada no rosto. (SANQUE, 2020, p. 03)

Considerando a memória sobre Bolsonaro já brevemente descrita nesse texto, vamos postular sobre a imagem de Jean Wyllys, abertamente homossexual e ativista pelos direitos dos mesmos. É possível interpretar, a partir dessa formação discursiva, que o “Tchau, querida” proferido por Bolsonaro, figura que já enunciou muitos discursos homofóbicos, seja uma expressão para o desejo de expulsão dos homossexuais e suas lutas.

Dessa forma, esse “querida” em questão apresentaria uma visão sobre a suposta “feminilidade” dos homossexuais e sua incapacidade de se adequarem enquanto “homens de verdade”. Ou seja:

a) “Se homossexual / então feminino”.

Tal interpretação, elaborada por Pêcheux, deixa de lado a equivalência entre enunciados para trabalhar com uma relação de causa e consequência, ou seja, o discurso transversal. (POSSENTI, 2017, p. 145). Não se trata apenas da formulação do raciocínio preconceituoso de Bolsonaro, mas do preconceito em si: a história construiu tal discurso na memória e ele, socialmente posicionado, o reproduziu. Tal discurso faz parte de uma complexa memória sócio-cultural que relaciona a homossexualidade e a feminilidade com a inferioridade.

No dia 31 de agosto de 2016, o processo de impeachment de Dilma Rousseff chegou ao fim e a então presidenta foi destituída do poder, sendo substituída por seu vice-presidente Michel Temer. Nas campanhas eleitorais de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro se tornou o novo presidente do Brasil, e desde então tem atualizado e dissolvido programas públicos. Nessas condições, o enunciado “Tchau, querida!” tem sido reproduzido com acréscimos como “Tchau, querida democracia!”, “Tchau, querida urna eleitoral!”, “Tchau, querida aposentadoria!”, entre outros.

Os substantivos adicionais na sentença são todos relacionados às questões políticas e projetos propostos desde a destituição de Dilma Rousseff. Primeiramente, se despedir da “democracia” remete ao seu contraponto “ditadura”, que lembra outro termo em voga em 2016, o “golpe”. Assim, dizer tchau à democracia é dizer que a efetivação do impeachment foi um processo anti-democrático elaborado em mecanismos que pretendiam um Golpe de Estado.

O dito “Tchau, querida urna eleitoral!” remete à proposta de Bolsonaro de dissolver a votação eleitoral como é feita atualmente, por meio da urna eletrônica, para ser substituída pelo voto impresso. A despedida à urna eleitoral também remete a um cenário em que o voto em geral é impossibilitado, ou seja, uma ditadura.

A sentença “Tchau, querida aposentadoria!” remete à proposta da Reforma da Previdência proposta em 2018 pelo então presidente Michel Temer, que visava uma diluição da aposentadoria. Assim, é possível interpretar que tais enunciados são proferidos por sujeitos que desejam expressar sua insatisfação com o governo atual, pois estão se despedindo de direitos civis que, postos ao lado da palavra “querida” (termo uma vez utilizado para se referir à Dilma e os significados de seu governo), foram embora com a conclusão do impeachment em agosto de 2016.

Outros enunciados no mesmo teor são “Tchau, querida farmácia popular!”, “Tchau, querida Ciências Sem Fronteiras!”, “Tchau, querida carne!”, entre outros. Tais expressões posicionam seus enunciadores enquanto sujeitos críticos do impeachment de Dilma e da forma que os posteriores governantes vêm atuando desde então (a última sentença, por exemplo, seria uma ironia ao aumento considerável do preço da carne no mercado).

A sentença em questão, que até então era cunhada dentro de uma posição social-histórica específica (os opositores do governo PT), passou a ser apropriada em nova formação discursiva e, portanto, produziu novos efeitos de sentido.

As observações da presente análise concluem que, como defendido por Pêcheux (2011), o discurso não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas, sobretudo, de construções nas quais elas se relacionam. O enunciado muda de sentido ao ser deslocado de uma formação discursiva a outra.

Dessa forma, o presente artigo conclui que o enunciado “Tchau, querida!” é carregado de materialidade opaca; foi ressignificado a partir de discursos de uma conjuntura específica, produzindo novos efeitos de sentidos a partir de construções sociais e coletivas da memória.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. M. B. M. ; MANZANO, L. C. G. (2016). Aforização e efeito de memória no enunciado “tchau querida!”. vol. 25. Linguagem, São Carlos, SP.
- BITTENCOURT, J. S. (2018). Mulher, palavra e poder: Construções discursivas do feminino em campanhas eleitorais para a presidência. Tese de Doutorado. UFSCAR, SP.
- BRITO, E. de J. (2016). Memória discursiva e efeitos-sentido de divisão do Brasil em processos de eleições presidenciais. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA.
- PÊCHEUX, M. (2015). O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Pontes Editores, Campinas-SP.
- PÊCHEUX, M. (2011) Análise de Discurso. Pontes Editores, Campinas-SP.
- PÊCHEUX, M. (2015). Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Edição original: 1975. Editora da UNICAMP, Campinas-SP.
- POSSENTI, S. (2017). Discurso transversal em piadas de corintiano., p. 144-155. Bakhtiniana, São Paulo – SP.
- SANQUE, D. R. K. (2020). Signos indisciplinados: orientações escalares em competição na circulação de “Tchau querida”. vol. 01, n. 01, 202 Revista Indisciplina em Linguística Aplicada.